

A OBRA DE ROBERTO GOMES À LUZ DA TEORIA TEATRAL DE DIDEROT

Autores: Bianca de Cássia Almeida IFCH-Unicamp/ E-mail: bialmeida03@gmail.com
Prof^ª. Dra. Larissa de Oliveira Neves Catalão (Orientadora) – IA – Unicamp/ E-mail: larissadeoneves@gmail.com
Agência Financiadora: PIBIC/CNPq

Palavras-chave: Dramaturgia - Teoria do drama - Teatro brasileiro

Introdução

O objetivo deste projeto consiste em analisar duas peças de Roberto Gomes (1822-1922), *A bela tarde* (1915) e *Berenice* (1917), utilizando, para tanto, a teoria dramática delineada por Denis Diderot (1713-1784) no livro *Discurso sobre a Poesia Dramática* (1758).

Roberto Gomes (1882 – 1922) viveu no que se considera ser uma época de transição, próxima à passagem do século, marcada no Brasil por discussões sociais e culturais que tinham como modelo os movimentos europeus. Gomes tinha grande admiração pela cultura e literatura francesas.

Apesar de não haver relatos sobre um contato do escritor brasileiro com a obra de Diderot, os pontos convergentes são inúmeros e curiosos. A obra de Gomes é construída por meio de cenas que podem ser consideradas, como sugeria Diderot, “quadros pintados”. Indo além do “realismo” defendido pelo francês e outros teóricos do século XVIII, por avançar numa poética simbolista moderna, Gomes, não deixa de se ligar, em certos elementos, a essa busca pela reprodução de “quadros”. Gomes registra cenas rápidas e às vezes satíricas do dia-a-dia da burguesia carioca, a exemplo da peça *A bela tarde*. O que se passa nesta peça de um único ato, é um dia comum de uma família da burguesia carioca. O que esta peça tem de semelhante ao drama burguês é, primeiramente, o que Diderot presava com mais veemência, a verossimilhança: as vidas e relações de uma família tradicional do Rio de Janeiro são colocadas em cena de maneira simples. No entanto, diferente do drama burguês, ou do drama realista novecentista, não há nesta peça, como queria Diderot, ações contínuas e moralizantes que pudessem fazer, dos espectadores pessoas melhores, há uma impressão emotiva sobre a vida particular das personagens em cena.

Já *Berenice* é uma peça de seis atos que tem como ápice a reprodução dos sentimentos que assolam os indivíduos quando estão tomados por uma paixão não correspondida. A peça, altamente sentimental, aponta para um dos gêneros que se originaram a partir do drama burguês, o melodrama, começando pela personagem principal Berenice. Diderot afirmava que era preciso pôr em cena personagens virtuosos, agindo de forma virtuosa, no entanto Berenice é apresentada como uma destruidora de corações, ela se mostra no decorrer da peça uma mulher frágil e cheia de defeitos, entretanto uma mulher apaixonada, capaz de tudo para ficar ao lado do seu grande amor. Em contrapartida, mesmo Berenice não sendo uma personagem virtuosa, converge com a teoria de Diderot por ser um exemplo claro do que ele considerava necessário para causar impressões duradouras: a paixão.

Metodologia

Primeiramente me dediquei a estudar as teorias do teatro classicista, especialmente a obra de Diderot, e em seguida me detive em alguns estudos sobre o teatro do começo do século no Brasil. Também li as obras dos teóricos: Aristóteles, Horácio, e Boileau. Fiquei os estudos lidos e partir de então, analisei as peças em questão.



Resultados

Como resultado desta pesquisa deu-se o artigo que foi publicado no terceiro volume dos Cadernos Letra e Ato (<http://www.letraeato.com/cadernos-letra-e-ato/>), lançado no final de julho de 2013. Também, a partir desta pesquisa, decidi dedicar-me a estudar o autor Roberto Gomes na pós-graduação. Ingressei no programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas em Junho de 2013 com o projeto que propõe fazer uma análise histórica e crítica de cinco peças teatrais deste dramaturgo.

Conclusão

As duas peças e suas personagens tem o ar decadentista do simbolismo de Roberto Gomes, e assim como todas as personagens deste dramaturgo, mostram as hipocrisias que circundam o núcleo social da vida carioca. Deste modo *Berenice* e *A bela tarde* têm do drama burguês descrito por Diderot os aspectos de crítica social ao mostrar elementos da vida em sociedade que geram sofrimento. Ao mesmo tempo, as peças são simples, como ansiava o teórico, sem incidentes “maravilhosos ou miraculosos”.

Tanto Diderot quanto Gomes viveram em períodos de transição na cena; Diderot durante a instauração do drama burguês e Gomes em meio ao pré-modernismo brasileiro. Ambos buscavam pensar a cena a partir da verossimilhança, cada qual a modo de seu tempo, mas ambos destacando as angústias de uma classe burguesa.

Referências Bibliográficas

- COSTA, Marta Morais. *A obra dramática de Roberto Gomes: temas e configuração*. 1978. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira), São Paulo, FFLCH/USP.
- _____. *Em cena, pequenas sombras frágeis*. In: GOMES, Roberto. Teatro de Roberto Gomes. Rio de Janeiro, INACEN, 1983.
- DIDEROT, Denis. *Discurso sobre a Poesia Dramática*, Apresentação de L.F. Franklin de Matos. Ed. Brasiliense, Elogio da Filosofia, SP, 1986.
- GOMES, Roberto, *Teatro de Roberto Gomes*. Rio de Janeiro, INACEN, 1983.
- SZONDI, Peter, *Teoria do drama burguês*. São Paulo: Cosac&Naify, 2004.

¹ Diderot, Obras V “O Filho natural”, editora Perspectiva, 2008, Primeira Conversa, p.106

² “Em cena, pequenas sombras frágeis”. In: GOMES, Roberto. Teatro de Roberto Gomes. Rio de Janeiro, INACEN, 1983, p.42.